

A AULA PERIGOSA

Cuidado! Essa é uma aula perigosa!

Foi essa frase que eu encontrei, em letras garrafais, projetada na primeira folha de um PowerPoint às oito da manhã, numa terça-feira cinza. Abaixo, em menor tamanho e em itálico, uma legenda acrescentava: “Conteúdo potencialmente perigoso para quem ainda sente alguma coisa”.

Olhei em volta para conferir se estava, de fato, no lugar certo. Sala padrão de curso superior: paredes descascadas com pretensões pedagógicas, ventilador de teto que parecia rodar apenas por saudade do tempo em que funcionava, carteiras rangendo como se protestassem contra o peso dos corpos e dos boletos dos alunos. Tudo muito normal. Só a advertência destoava — como aquelas mensagens em remédio que avisam que o remédio pode matar, mas que mesmo assim você toma.

O professor ainda não tinha chegado. Os colegas, esses sim, pareciam adequados ao aviso: não recomendados a seres vivos. Espalhados pelas carteiras, metade deles com a coluna em “C” sobre o celular, a outra metade com o olhar fixo em um ponto do infinito que, na prática, era uma mancha de mofo no teto. Se a aula não era recomendada a seres humanos, o risco era mínimo ali: vivos, propriamente, havia poucos.

Quando o professor entrou, tive a impressão de que era o único que levava o aviso a sério — no sentido literal. Devia ter uns sessenta e tantos anos cronológicos, mas o olhar cansado avançava pelo menos uns dois milênios para trás. Tinha o ar de quem já tinha visto tudo: reformas educacionais, mudanças de currículo, siglas de ministérios surgindo e desaparecendo, promessas de “ensino inovador” que trocavam apenas a cor do slide.

— Bom dia — disse ele, num tom que não tinha nada de “bom” nem de “dia”, apenas de constatação cartesiana: somos, logo estamos aqui, mesmo sem saber por quê. — Como vocês podem ver, a aula de hoje não é recomendada a seres humanos ou vivos de qualquer espécie. Quem ainda estiver em posse de um coração funcionando, por favor, faça o favor de guardá-lo na mochila. Vai atrapalhar.

Ninguém riu. Não por falta de graça, mas por falta de reação. Alguns levantaram os olhos do celular, avaliaram a ameaça e concluíram que não valia o esforço. Eu, teimoso, resolvi prestar atenção. Sempre tive um fraco por avisos estranhos: “Não ultrapasse esta linha”, “Não pise na grama”, “Não pense em elefantes cor-de-rosa”. Basta me dizer “não recomendado” para eu querer imediatamente.

— Hoje, a disciplina é: Introdução à Realidade — continuou ele, apagando o slide de advertência. — Até agora, vocês tiveram Metodologia, Estatística, Teoria Geral, tudo muito bonito, bem embalado. Hoje, vamos falar da parte que ninguém quer colocar no folder do curso.

Uma mão levantou lá no fundo, desconfiada:

— Professor... isso cai na prova?

Ele suspirou, como quem fosse, naquele exato instante, perder mais dez anos de expectativa de vida.

— Não. Isso não cai na prova. Isso cai na vida. Por isso mesmo é que não é recomendado a seres vivos. As pessoas preferem reprovar na realidade do que passar em algo que não dá ponto extra no histórico escolar.

Se tivesse sido um curso comum, seria o momento de abrir o notebook, projetar um gráfico, citar um autor estrangeiro raramente lido além da orelha do livro. Mas o professor fez o contrário: desligou o projetor. A sala mergulhou naquela penumbra indecisa entre o fluorescente e a claridade da janela.

— Vamos tentar um experimento — disse. — Guardem os celulares. Hoje a aula é sem tela.

Houve um murmúrio de indignação, como se ele tivesse anunciado que a partir daquele momento o oxigênio seria cobrado à parte. Alguns obedeceram, outros fingiram obedecer, outros ainda mantiveram o celular aberto, mas com o brilho mínimo, na esperança de que a invisibilidade digital tivesse sido inventada.

— Olhem para as próprias mãos — continuou o professor. — Não é metáfora, não. Olhem mesmo.

Obedeci. As mãos ali, cansadas, com algumas marcas que não estavam lá na primeira série, segurando uma caneta que já riscava meio falha. Havia nelas um pequeno inventário de tudo o que eu tinha feito sem pensar muito: apertos de mão dados por obrigação, formulários assinados sem ler, horas digitando senhas, mensagens enviadas e apagadas.

— Essas mãos — disse ele — vão gastar a maior parte da vida fazendo coisas que vocês não escolheram de fato. Vão preencher planilhas, assinar memorandos, bater ponto, passar crachá. E, ainda assim, vão chamar isso de “carreira”, “trajetória”, “história pessoal”. A aula de hoje é sobre isso: o quanto do que chamamos de “vida” é, na verdade, alguém dizendo o que vocês têm que fazer e vocês aceitando por falta de melhor opção.

Silêncio. Nem o ventilador rangia.

— Não é recomendada a seres vivos — repetiu ele — porque seres vivos, quando se dão conta, podem querer mudar alguma coisa. E o sistema tem pavor de mudanças que não cabem em rubrica orçamentária. Muito mais seguro manter todo mundo meio morto, mas produtivo.

Um colega à direita tentou quebrar o clima:

— Professor, o senhor está em crise existencial?

Ele sorriu de canto, pela primeira vez.

— Estou em crise, sim. Existencial, institucional e, principalmente, de paciência. Mas não se preocupem: isso não cai na prova.

E então começou. Não uma palestra, mas uma espécie de inventário daquilo que ninguém costuma dizer em sala de aula, pelo menos não com tanta desfaçatez. Falou dos planos pedagógicos que prometem “formar cidadãos críticos”, mas medem apenas a capacidade de decorar conceitos. Dos estágios que vendem “experiência”, mas oferecem basicamente tarefas automáticas e café frio. Das carreiras vocacionadas que acabam sufocadas por relatórios intermináveis, burocracias absurdas, hierarquias cegas.

— A boa notícia — disse ele, andando entre as carteiras — é que vocês ainda têm tempo de decidir no que querem morrer. Porque viver, propriamente, já é luxo demais para caber na grade horária.

Alguém perguntou, meio na ironia, meio na esperança:

— E o senhor, professor? Já decidiu?

Ele parou, pensou um instante, como se revisasse mentalmente décadas de sala de aula, reuniões, conselhos de curso, circulares.

— Eu decidi morrer teimoso — respondeu. — Insistindo em dizer a vocês que, se tudo der certo, a melhor parte da vida não terá certificado, nem emenda programática, nem publicação em revista qualis A1. Vai ser aquela conversa no bar depois do expediente, o livro que vocês vão ler sem ninguém mandar, a viagem sem seminário para apresentar, o amor que não aparece no Lattes.

A sala dividia-se entre a vontade de rir e a vontade de fugir. Porque, no fundo, todo mundo ali sabia que ele tinha razão. A advertência inicial começava a fazer sentido: aquilo era, sim, perigoso. Não porque fosse revolucionário no sentido grandioso da palavra, mas porque, por alguns minutos, a rotina acadêmica dava lugar a um ligeiro desconforto: e se estivessemos, de fato, vivendo no piloto automático, empilhando créditos e faltas justificadas para ganhar um diploma que, no melhor dos casos, ia nos permitir comprar um sofá melhor para desabar cansados no final do dia?

— Antes que alguém pergunte — retomou ele —, não, eu não estou dizendo para vocês largarem o curso, queimarem as apostilas e irem meditar na montanha. Usem o diploma. Usem o crachá. Usem tudo isso como quem usa um casaco numa chuva fria: protege, mas não é a pele de vocês. Se confundirem casaco com pele, aí sim, meu povo, adeus qualquer possibilidade de estar vivo.

Ele escreveu no quadro, com uma caligrafia surpreendentemente firme:

“NÃO CONFUNDIR SOBREVIVER COM ESTAR VIVO.”

Olhei ao redor. Alguns estudantes tiraram foto da frase, numa contradição deliciosa com a ordem de guardar os celulares. Era como se, instintivamente, sentissem que aquilo precisava ir para algum lugar além da memória volátil daquela manhã. Outros anotavam com esmero, como se aquilo fosse de fato “cair” em alguma prova maior do que a da disciplina: talvez uma espécie de vestibular para si mesmos.

No final da aula, ele voltou ao slide inicial, reativando o projetor. A frase reapareceu na parede.

— Agora vocês já sabem por quê — disse. — Quem se sentiu minimamente inquieto, por favor, aceite minhas desculpas. Era exatamente essa a intenção. Quem não sentiu nada... bem, está a salvo. Pode continuar o curso normalmente.

O sinal tocou, libertando a turma de uma hora e meia de risco de lucidez. Alguns correram para o corredor, retomando o Wi-Fi, as notificações, a segurança dos memes e dos vídeos curtos. Outros ficaram um pouco, ajeitando as mochilas devagar, como se precisassem de alguns segundos para recalibrar o próprio rosto antes de voltar para o mundo.

Eu saí com a sensação estranha de que tinha assistido a uma aula que não valia ponto, mas pesava. O tipo de conteúdo que não rende slide bonito, não entra no currículo, não melhora salário — mas se infiltra, silencioso, na forma como você olha o relógio no meio da tarde, no jeito como responde a um e-mail urgente, no modo como escolhe, ou não, atender uma ligação às onze da noite.

No corredor, um cartaz anunciava uma palestra sobre “Desenvolvimento de Soft Skills para o Mercado”. Inscrições limitadas, certificado de participação, coffee break. Pensei na aula recém-terminada. Não tinha certificado, não tinha coffee, mal tinha break. Só um aviso na primeira tela dizendo que não era recomendada a seres vivos.

Talvez seja esse o nosso problema: passamos a vida colecionando experiências recomendadas, aprovadas, certificadas, rubricadas, assinadas em três vias, enquanto as poucas aulas que realmente correm o risco de nos deixar vivos vêm sempre com uma tarja de perigo: “não recomendado”. E a gente acredita.

No trajeto até o ponto de ônibus, a cidade continuava a mesma: buzinas, ambulantes, gente atravessando fora da faixa, som vazando dos fones, o cachorro magro dormindo na sombra de um poste. Mas havia, no meio do ruído, um pequeno deslocamento: era como se tudo, por um instante, tivesse ganhado um contorno mais nítido, um foco inesperado.

Lembrei das palavras do professor: não confundir sobreviver com estar vivo. E tive a impressão incômoda de que, até então, eu tinha me matriculado, com entusiasmo, apenas no curso de sobrevivência. Faltava ainda fazer a inscrição, sem créditos, sem diploma, naquela outra disciplina clandestina, sem horário fixo, que aparece de vez em quando: aquela em que, por alguns minutos, a gente se permite o luxo perigoso de existir de verdade.

Essa, sim, não é recomendada a seres humanos ou vivos de qualquer espécie — justamente porque é a única que pode fazer algum sentido.